

SIGMUND

FREUD

OBRAS COMPLETAS VOLUME 15

PSICOLOGIA DAS
MASSAS E ANÁLISE DO EU
E OUTROS TEXTOS

(1920-1923)

TRADUÇÃO PAULO CÉSAR DE SOUZA

Copyright da tradução © 2011
by Paulo César Lima de Souza

*Grafiça atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Os textos deste volume foram traduzidos de *Gesammelte Werke*, volumes XII, XIII e XVII (Londres: Imago, 1941, 1940 e 1941). Os títulos originais estão na página inicial de cada texto. A outra edição alemã referida é *Studienausgabe*, Frankfurt: Fischer, 2000.

Capa e projeto gráfico
warrakloureiro

Imagens das pp. 3 e 4: obras da coleção pessoal de Freud.
Artemis, Grécia, período helenístico, séc. II a.C., 25 cm.
Cabeça de guardião, China, dinastia Ming, séc. XV-XVII, 17 cm
Freud Museum, Londres

Preparação
Célia Euvaldo

Índice remissivo
Luciano Marchiori

Revisão
Huendel Viana
Carmen S. da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Freud, Sigmund, 1856-1939.

Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923) /
Sigmund Freud ; tradução Paulo César de Souza — São Paulo:
Companhia das Letras, 2011.

Título original: *Gesammelte Werke e Studienausgabe*
ISBN 978-85-359-1871-7

1. Freud, Sigmund, 1856-1939 2. Psicanálise 3. Psicologia 4. Psicoterapia
I. Título.

11-04091

CDD-150.1954

Índice para catálogo sistemático:

1. Sigmund, Freud: Obras completas: Psicologia analítica 150.1954

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

ESTA EDIÇÃO 9

PSICOLOGIA DAS MASSAS E ANÁLISE DO EU (1921) 13

- I. INTRODUÇÃO 14
- II. A ALMA COLETIVA SEGUNDO LE BON 16
- III. OUTRAS ABORDAGENS DA VIDA ANÍMICA COLETIVA 31
- IV. SUGESTÃO E LIBIDO 39
- V. DUAS MASSAS ARTIFICIAIS: IGREJA E EXÉRCITO 46
- VI. OUTRAS TAREFAS E DIREÇÕES DE TRABALHO 54
- VII. A IDENTIFICAÇÃO 60
- VIII. ENAMORAMENTO E HIPNOSE 69
- IX. O INSTINTO GREGÁRIO 77
- X. A MASSA E A HORDA PRIMEVA 84
- XI. UM GRAU NO INTERIOR DO EU 92
- XII. COMPLEMENTOS 99

SOBRE A PSICOGÊNESE DE UM CASO DE HOMOSSEXUALIDADE FEMININA (1920) 114

[PSICANÁLISE E TELEPATIA] (1941 [1921]) 150

SONHO E TELEPATIA (1922) 174

SOBRE ALGUNS MECANISMOS NEURÓTICOS NO CIÚME, NA PARANOIA E NA HOMOSSEXUALIDADE (1922) 209

UMA NEUROSE DO SÉCULO XVII ENVOLVENDO O DEMÔNIO (1923) 225 [PREFÁCIO] 226

- I. A HISTÓRIA DO PINTOR CHRISTOPH HAITZMANN 227
- II. O MOTIVO DO PACTO COM O DEMÔNIO 234
- III. O DEMÔNIO COMO SUCEDÂNEO DO PAI 241
- IV. OS DOIS PACTOS 255
- V. O CURSO POSTERIOR DA NEUROSE 263

“PSICANÁLISE” E “TEORIA DA LIBIDO” (1923) 273

- I. PSICANÁLISE 274
- II. TEORIA DA LIBIDO 302

PREFÁCIOS E TEXTOS BREVES (1920-1922)	309
CONTRIBUIÇÃO À PRÉ-HISTÓRIA DA TÉCNICA PSICANALÍTICA	310
A ASSOCIAÇÃO DE IDEIAS DE UMA GAROTA DE QUATRO ANOS	314
O DR. ANTON VON FREUND	315
PREFÁCIO A <i>ADDRESSES ON PSYCHOANALYSIS</i> , DE JAMES J. PUTNAM	318
APRESENTAÇÃO DE <i>THE PSYCHOLOGY OF DAY-DREAMS</i> , DE J. VARENDONCK	321
PREFÁCIO A <i>LA MÉTHODE PSYCHANALYTIQUE</i> , DE RAYMOND DE SAUSSURE	323
ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O INCONSCIENTE	325
A CABEÇA DA MEDUSA	326
ÍNDICE REMISSIVO	330

PSICOLOGIA DAS MASSAS E ANÁLISE DO EU (1921)

TÍTULO ORIGINAL: *MASSENPSYCHOLOGIE
UND ICH-ANALYSE*. PUBLICADO
PRIMEIRAMENTE EM VOLUME AUTÔNOMO:
LEIPZIG, VIENA E ZURIQUE: INTERNATIONALER
PSYCHOANALYTISCHER VERLAG [EDITORA
PSICANALÍTICA INTERNACIONAL], 1921,
140 PP. TRADUZIDO DE *GESAMMELTE
WERKE* XIII, PP. 71-161; TAMBÉM SE ACHA
EM *STUDIENAUSGABE* IX, PP. 61-134.

I. INTRODUÇÃO

A oposição entre psicologia individual e psicologia social ou das massas,* que à primeira vista pode parecer muito significativa, perde boa parte de sua agudeza se a examinamos mais detidamente. É certo que a psicologia individual se dirige ao ser humano particular, investigando os caminhos pelos quais ele busca obter a satisfação de seus impulsos instintuais, mas ela raramente, apenas em condições excepcionais, pode abstrair das relações deste ser particular com os outros indivíduos. Na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, e portanto a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado.

As relações do indivíduo com seus pais e irmãos, com o objeto de seu amor, com seu professor e seu médico, isto é, todas as relações que até agora foram objeto privilegiado da pesquisa psicanalítica, podem reivindicar ser apreciadas como fenômenos sociais, colocando-se em oposição a outros processos, que denominamos *narcísicos*, nos quais a satisfação dos instintos escapa à influência de outras pessoas ou a elas renuncia. A opo-

* Como se perceberá ao longo da leitura deste trabalho, Freud usa o termo “massa” (*Masse*) em sentidos diversos, que corresponderiam a “multidão, aglomeração, agrupamento, grupo” etc. [As notas chamadas por asterisco e as interpolações às notas do autor, entre colchetes, são de autoria do tradutor. As notas do autor são sempre numeradas.]

sição entre atos psíquicos sociais e narcísicos — Bleuler diria talvez *autísticos* — situa-se inteiramente, portanto, no domínio da psicologia individual, e não se presta para distingui-la de uma psicologia social ou de massas.

Nas mencionadas relações com os pais e irmãos, com a amada, o amigo, o professor e o médico, o indivíduo sempre sofre a influência de apenas uma pessoa, ou um número mínimo delas, cada uma das quais adquiriu para ele significação extraordinária. Quando se fala de psicologia social ou de massas, existe o hábito de abstrair dessas relações, e isolar como objeto de investigação a influência que um grande número de pessoas exerce simultaneamente sobre o indivíduo, pessoas às quais ele se acha ligado de algum modo, mas em muitos aspectos elas lhe podem ser estranhas. Portanto, a psicologia de massas trata o ser individual como membro de uma tribo, um povo, uma casta, uma classe, uma instituição, ou como parte de uma aglomeração que se organiza como massa em determinado momento, para um certo fim. Após essa ruptura de um laço natural, o passo seguinte é considerar os fenômenos que surgem nessas condições especiais como manifestações de um instinto especial irreduzível a outra coisa, o instinto social — *herd instinct, group mind* [instinto de rebanho, mente do grupo] —, que não chega a se manifestar em outras situações. Mas podemos levantar a objeção de que é difícil conceder ao fator numérico um significado tão grande, em que somente ele seria capaz de despertar, na vida psíquica humana, um instinto novo, normalmente inativo. Nossa expectativa é então desviada para duas outras possibilidades: a de que o ins-

tinto social pode não ser primário e indivisível, e de que os primórdios da sua formação podem ser encontrados num círculo mais estreito como o da família.

A psicologia de massas, embora se ache apenas no início, compreende uma vasta gama de problemas e coloca para o pesquisador incontáveis tarefas, que ainda não foram sequer diferenciadas. A mera classificação dos vários modos de formação das massas e a descrição dos fenômenos psíquicos por elas manifestados requerem um enorme trabalho de observação e exposição, e já deram origem a uma opulenta literatura. Quem comparar este pequenino livro e a grande extensão da psicologia de massas, poderá supor de imediato que aqui serão tratados apenas alguns pontos de toda a matéria. E de fato serão poucas as questões que interessam particularmente à investigação psicanalítica das profundezas.

II. A ALMA COLETIVA SEGUNDO LE BON

Em vez de dar primeiramente uma definição, parece-nos mais adequado começar com uma referência ao campo dos fenômenos e dele retirar alguns fatos especialmente notáveis e característicos, dos quais poderá partir a investigação. Conseguiremos as duas coisas se recorrermos ao livro justamente famoso de Le Bon, *Psicologia das massas*.¹

1 Traduzido pelo dr. Rudolf Eisler, 2ª edição, 1912.

Precisemos mais uma vez a questão. Se a psicologia que procura as disposições, os impulsos instintuais, os motivos, as intenções do indivíduo nas suas ações e nas relações com os mais próximos tivesse cumprido cabalmente a sua tarefa e tornado transparentes todos esses nexos, depararia subitamente com um problema novo, não resolvido. Teria de explicar o fato surpreendente de que esse indivíduo, que se tornara compreensível para ela, em determinada condição pensa, sente e age de modo completamente distinto do esperado, e esta condição é seu alinhamento numa multidão que adquiriu a característica de uma “massa psicológica”. O que é então uma “massa”, de que maneira adquire ela a capacidade de influir tão decisivamente na vida psíquica do indivíduo, e em que consiste a modificação psíquica que ela impõe ao indivíduo?

Responder a essas três perguntas é tarefa de uma psicologia teórica das massas. A melhor maneira de abordá-las, sem dúvida, é iniciar pela terceira delas. A observação da reação alterada do indivíduo é que fornece o material à psicologia das massas; toda tentativa de explicação deve ser precedida pela descrição daquilo a ser explicado.

Agora passo a palavra a Le Bon. Ele diz (p. 13):
“O fato mais singular, numa massa psicológica, é o seguinte: quaisquer que sejam os indivíduos que a compõem, sejam semelhantes ou dessemelhantes o seu tipo de vida, suas ocupações, seu caráter ou sua inteligência, o simples fato de se terem transformado em massa os torna possuidores de uma espécie de alma coletiva. Esta alma os faz sentir, pensar e agir de uma forma bem diferente da que cada um sentiria, pensaria

e agiria isoladamente. Certas ideias, certos sentimentos aparecem ou se transformam em atos apenas nos indivíduos em massa. A massa psicológica é um ser provisório, composto de elementos heterogêneos que por um instante se soldaram, exatamente como as células de um organismo formam, com a sua reunião, um ser novo que manifesta características bem diferentes daquelas possuídas por cada uma das células” [p. 11].*

Tomando a liberdade de intercalar comentários nossos à exposição de Le Bon, observemos aqui o seguinte. Se os indivíduos da massa estão ligados numa unidade, tem de haver algo que os une entre si, e este meio de ligação poderia ser justamente o que é característico da massa. Mas Le Bon não dá resposta a essa questão, ele passa a lidar com a modificação do indivíduo na massa e a descreve em termos que harmonizam bastante com os pressupostos básicos de nossa psicologia profunda.

(P. 14) “Constata-se facilmente o quanto o indivíduo na massa difere do indivíduo isolado; mas as causas de tal diferença são menos fáceis de descobrir.

* A tradução das extensas citações de Le Bon foi feita do original francês (*La psychologie des foules*. Paris: PUF, 1971 [1895]), reproduzido em notas na edição francesa das *Œuvres complètes* de Freud, dirigida por Laplanche, Bourguignon e Cotet (v. XVI, Paris: PUF, 1991). As pequenas divergências da tradução alemã utilizada por Freud serão apontadas em notas. A primeira delas está no fim do primeiro período, onde a versão alemã diz “uma alma coletiva” (*eine Kollektivseele*), e não “uma espécie de alma coletiva”. Quanto à localização das citações, as páginas da edição alemã de Le Bon estão entre parênteses e geralmente no início, tal como são indicadas por Freud, e as do original francês aqui utilizado, entre colchetes.

“Para chegar a vislumbrá-las, é preciso recordar primeiramente esta observação da psicologia moderna: que não é apenas na vida orgânica, mas também no funcionamento da inteligência que os fenômenos inconscientes têm papel preponderante. A vida consciente do espírito não representa senão uma pequenina parte, comparada à sua vida inconsciente. O analista mais sutil, o observador mais penetrante chega a descobrir apenas um número pequeno dos móveis inconscientes* que o conduzem. Nossos atos conscientes derivam de um substrato inconsciente formado sobretudo de influências hereditárias. Este substrato encerra os inúmeros resíduos ancestrais que constituem a alma da raça. Por trás das causas confessadas de nossos atos, há sem dúvida causas secretas que não confessamos, mas por trás dessas causas secretas há outras, bem mais secretas ainda, pois nós mesmos as ignoramos.** A maioria de nossos atos cotidianos é resultado de móveis ocultos que nos escapam” [pp. 11-2].

Na massa, acredita Le Bon, as aquisições próprias dos indivíduos se desvanecem, e com isso desaparece sua particularidade. O inconsciente próprio da raça res-

* No texto alemão está “conscientes”, o que é claramente um erro, considerando o contexto, e uma nota dos editores, na edição alemã utilizada (*Gesammelte Werke* XIII, p. 78), informa que o original francês diz *inconscients*. No texto da *Studienausgabe* (v. IX, p. 68), uma nota remete igualmente à mencionada nota em *GW*.

** Segundo nota da edição francesa, a frase anterior, constante da edição de 1906 de *La psychologie des foules*, foi encurtada por Le Bon nas edições posteriores, passando a: “Por trás das causas confessadas de nossos atos, encontram-se causas secretas ignoradas por todos”.

salta, o heterogêneo submerge no homogêneo. Diríamos que a superestrutura psíquica, que se desenvolveu de modo tão diverso nos indivíduos, é desmontada, debilitada, e o fundamento inconsciente comum a todos é posto a nu (torna-se operante).

Dessa maneira se produziria um caráter mediano dos indivíduos da massa. Mas conforme Le Bon eles mostram também características novas, que não possuíam antes, e ele busca a razão para isso em três fatores diferentes.

(P. 15) “O primeiro é que o indivíduo na massa adquire, pelo simples fato do número, um sentimento de poder invencível que lhe permite ceder a instintos* que, estando só, ele manteria sob controle. E cederá com tanto mais facilidade a eles, porque, sendo a massa anônima, e por conseguinte irresponsável, desaparece por completo o sentimento de responsabilidade que sempre retém os indivíduos.”

Não precisamos, em nosso ponto de vista, atribuir muito valor à emergência de novas características.

* É interessante observar que o texto francês de Le Bon traz *instincts* nesse ponto, vertido por *Triebe* na tradução citada por Freud, mas a nova edição francesa modifica o original, utilizando *pulsions*. Durante décadas, enquanto viveu, Freud acompanhou traduções de suas obras para o inglês, o francês, o italiano e o espanhol, nas quais se empregava “instinto” para verter *Trieb*, e nunca fez objeções ao termo (embora notando sua insuficiência). A nova tradução francesa não apenas desconsidera esse fato como chega ao ponto de “corrigir” um autor francês que escreveu no final do século XIX (seu livro é de 1895), para adequá-lo à posição teórica que determina ser errado traduzir *Trieb* por outro termo que não “pulsão”.

Basta-nos dizer que na massa o indivíduo está sujeito a condições que lhe permitem se livrar das repressões dos seus impulsos instintivos inconscientes. As características aparentemente novas, que ele então apresenta, são justamente as manifestações desse inconsciente, no qual se acha contido, em predisposição, tudo de mau da alma humana. Não é difícil compreendermos o esvaecer da consciência ou do sentimento de responsabilidade nestas circunstâncias. Há muito afirmamos que o cerne da chamada consciência moral consiste no “medo social”.²

(P. 16) “Uma segunda causa, o contágio mental, intervém igualmente para determinar a manifestação de características especiais nas massas e a sua orientação. O contágio é um fenômeno fácil de constatar, mas inexplicável, que é preciso relacionar aos fenômenos de ordem hipnótica que adiante estudaremos. Numa massa* todo sentimento, todo ato é contagio-

2 Há uma certa diferença entre a visão de Le Bon e a nossa, em virtude de o seu conceito de inconsciente não coincidir inteiramente com aquele admitido na psicanálise. O inconsciente de Le Bon contém antes de tudo os traços mais profundos da alma da raça, que realmente está fora de consideração para a psicanálise individual. Não deixamos de perceber que o âmago do Eu (o Id [*Es*], como depois o denominei), a que pertence a “herança arcaica” da alma humana, é inconsciente, mas também distinguimos o “reprimido inconsciente”, que resultou de uma parte dessa herança. Este conceito do reprimido não se acha em Le Bon.

* *Foule* é o termo que consta no original francês. Segundo nota da edição francesa, a tradução alemã de 1912 diz *Masse*, mas Freud a substituiu por *Menge* (“multidão”).

so, e isso a ponto de o indivíduo sacrificar facilmente o seu interesse pessoal ao interesse coletivo. Eis uma aptidão contrária à sua natureza, de que o homem só se torna capaz enquanto parte de uma massa” [p. 13]. Sobre esta última frase vamos fundamentar, mais adiante, uma importante conjectura.

(P. 16) “Uma terceira causa, de longe a mais importante, determina nos indivíduos da massa características especiais, às vezes bastante contrárias às do indivíduo isolado. Refiro-me à sugestionabilidade, de que o contágio mencionado acima é apenas um efeito.

“Para compreender esse fenômeno, é preciso ter em mente algumas descobertas recentes da fisiologia. Sabemos hoje que um indivíduo pode ser posto* num estado tal que, tendo perdido sua personalidade consciente, ele obedece a todas as sugestões do operador que a fez perdê-la, e comete os atos mais contrários a seu caráter e a seu costume. Ora, observações atentas parecem provar que o indivíduo, mergulhado há algum tempo no seio de uma massa ativa, logo cai — em consequência de eflúvios que dela emanam, ou por outra causa ainda ignorada — num estado particular, aproximando-se muito do estado de fascinação do hipnotizado nas mãos do hipnotizador [...]. A personalidade consciente se foi, a vontade e o discernimento sumiram. Sentimentos e

* Neste ponto a tradução utilizada por Freud inclui as palavras *mittels mannigfacher Prozeduren* (“mediante procedimentos vários”).

pensamentos são então orientados no sentido determinado pelo hipnotizador.

“Tal é, aproximadamente, o estado de um indivíduo que participa de uma massa. Ele não é mais consciente de seus atos. Nele, como no hipnotizado, enquanto certas faculdades são destruídas, outras podem ser levadas a um estado de exaltação extrema. A influência de uma sugestão o levará, com irresistível impetuosidade,* à realização de certos atos. Impetuosidade ainda mais irresistível nas massas que no sujeito hipnotizado, pois a sugestão, sendo a mesma para todos os indivíduos, exacerba-se pela reciprocidade” [pp. 13-4].

(P. 17.) “Portanto, evanescimento da personalidade consciente, predominância da personalidade inconsciente, orientação por via de sugestão e de contágio dos sentimentos e das ideias num mesmo sentido, tendência a transformar imediatamente em atos as ideias sugeridas, tais são as principais características do indivíduo na massa. Ele não é mais ele mesmo, mas um autômato cuja vontade se tornou impotente para guiá-lo”** [p. 14].

* “Impetuosidade” é versão literal do termo usado no original francês de Le Bon (*impétuosité*). É digno de nota que na tradução alemã citada por Freud se ache *Trieb* nesse ponto, em mais uma evidência da polissemia desse termo. Na frase seguinte, a mesma palavra francesa foi vertida em alemão por *Ungestüm* (“ímpeto, impetuosidade, arrebato”).

** Na versão citada por Freud: “O indivíduo não é mais ele mesmo, tornou-se um autômato sem vontade”.

Reproduzi estas passagens minuciosamente, a fim de reforçar que Le Bon realmente designa o estado do indivíduo na massa como hipnótico, não se limita apenas a compará-lo com este. Não pretendemos contradizê-lo, mas somente destacar que as duas últimas causas da modificação do indivíduo na massa, o contágio e a maior sugestionabilidade, evidentemente não são do mesmo tipo, pois o contágio deve ser também uma manifestação da sugestionabilidade. Também os efeitos de ambos os fatores não nos parecem claramente separados no texto de Le Bon. Talvez interpretemos da melhor maneira sua afirmação se relacionarmos o contágio ao efeito que os membros isolados da massa exercem uns sobre os outros, enquanto as manifestações de sugestão da massa, equiparadas aos fenômenos de influência hipnótica, remetem a outra fonte. A qual, porém? Deve nos tocar como uma sensível deficiência o fato de um dos principais elementos dessa comparação, isto é, a pessoa que substitui o hipnotizador para a massa, não ser mencionado por Le Bon. De qualquer modo ele distingue esta influência fascinadora, deixada na penumbra, e o efeito contagioso dos indivíduos entre si, que vem a fortalecer a sugestão original.

Eis ainda uma consideração importante para julgar o indivíduo da massa: (P. 17.) “Portanto, pelo simples fato de pertencer a uma massa, o homem desce vários degraus na escala na civilização. Isolado, ele era talvez um indivíduo cultivado, na massa é um instintivo, e em consequência um bárbaro. Tem a espontaneidade, a violência, a ferocidade, e também os entusiasmos e os heroísmos dos seres primitivos” [p. 14]. Ele então se detém espe-

cialmente na diminuição da capacidade intelectual, experimentada pelo indivíduo que se dissolve na massa.³

Deixemos agora o indivíduo e nos voltemos para a descrição da alma da massa, tal como Le Bon a delinea. Nela não há traço algum que um psicanalista não consiga derivar e situar. O próprio Le Bon nos mostra o caminho, ao apontar a coincidência com a vida anímica dos povos primitivos e das crianças (p. 19).

A massa é impulsiva, volúvel e excitável. É guiada quase exclusivamente pelo inconsciente.⁴ Os impulsos a que obedece podem ser, conforme as circunstâncias, nobres ou cruéis, heroicos ou covardes, mas, de todo modo, são tão imperiosos que nenhum interesse pessoal, nem mesmo o da autopreservação, se faz valer (p. 20). Nada nela é premeditado. Embora deseje as coisas apaixonadamente, nunca o faz por muito tempo, é incapaz de uma vontade persistente. Não tolera qualquer demora entre o seu desejo e a realização dele. Tem o sentimento da onipotência; a noção do impossível desaparece para o indivíduo na massa.⁵

A massa é extraordinariamente influenciável e crédula, é acrítica, o improvável não existe para ela. Pensa

3 Veja-se o dístico de Schiller [de *Sprüche*]:

“*Jeder, sieht man ihn einzeln, ist leidlich klug und verständlich;
Sind sie in corpore, gleich wird euch ein Dummkopf daraus.*”

[Cada um, olhado separadamente, é passavelmente arguto e sensato;/ Se estão *in corpore*, logo se revelarão uns asnos].

4 “Inconsciente” é usado por Le Bon, corretamente, no sentido descritivo, quando não significa apenas o “reprimido”.

5 Cf. *Totem e tabu*, III, “Animismo, magia e onipotência dos pensamentos”.

em imagens que evocam umas às outras associativamente, como no indivíduo em estado de livre devaneio, e que não têm sua coincidência com a realidade medida por uma instância razoável. Os sentimentos da massa são sempre muito simples e muito exaltados. Ela não conhece dúvida nem incerteza.⁶

Ela vai prontamente a extremos; a suspeita exteriorizada se transforma de imediato em certeza indiscutível, um germe de antipatia se torna um ódio selvagem (p. 32).⁷

6 Na interpretação dos sonhos, aos quais devemos o nosso melhor conhecimento da vida anímica inconsciente, seguimos a regra técnica de não considerar a dúvida e a incerteza na narrativa onírica, e tratar cada elemento do sonho manifesto como igualmente seguro. Atribuímos dúvidas e incertezas à intervenção da censura a que está sujeito o trabalho do sonho, e supomos que os pensamentos oníricos primários não conhecem dúvida e incerteza como realização crítica. Naturalmente elas podem, enquanto conteúdos, e como tudo o mais, aparecer nos resíduos diurnos que conduzem ao sonho. (Ver *A interpretação dos sonhos*, 7ª ed., 1922, p. 386 [*GW* II-III, pp. 520-1; cap. VII, parte A, 5ª e 6ª páginas].)

7 A mesma intensificação extrema e desmedida de todos os impulsos afetivos é própria também da afetividade da criança e comparece igualmente na vida onírica, na qual, graças ao isolamento dos impulsos afetivos singulares que vigora no inconsciente, um leve aborrecimento diurno se expressa como desejo homicida contra a pessoa culpada, ou uma breve tentação qualquer se torna o ponto de partida para um ato criminoso representado no sonho. Acerca desse fato o dr. Hanns Sachs fez a bela observação: “O que o sonho nos revelou de sua relação com o presente (a realidade), procuremos descobri-lo também na consciência, e então não deveremos nos surpreender se o monstro que vimos sob a lente de aumento da psicanálise nos aparecer como um pequenino infusório”. (*A interpretação dos sonhos*, 7ª ed., 1922, p. 457 [*GW* II-III, p. 626; última página do livro].)

Inclinada a todos os extremos, a massa também é excitada apenas por estímulos desmedidos. Quem quiser influir sobre ela, não necessita medir logicamente os argumentos; deve pintar com as imagens mais fortes, exagerar e sempre repetir a mesma coisa.

Como a massa não tem dúvidas quanto ao que é verdadeiro ou falso, e tem consciência da sua enorme força, ela é, ao mesmo tempo, intolerante e crente na autoridade. Ela respeita a força, e deixa-se influenciar apenas moderadamente pela bondade, que para ela é uma espécie de fraqueza. O que ela exige de seus heróis é fortaleza, até mesmo violência. Quer ser dominada e oprimida, quer temer os seus senhores. No fundo inteiramente conservadora, tem profunda aversão a todos os progressos e inovações, e ilimitada reverência pela tradição (p. 37).

Para julgar corretamente a moralidade das massas, deve-se levar em consideração que, ao se reunirem os indivíduos numa massa, todas as inibições individuais caem por terra e todos os instintos* cruéis, brutais, destrutivos, que dormitam no ser humano, como vestígios dos primórdios do tempo, são despertados para a livre satisfação instintiva. Mas as massas são também capazes, sob influência da sugestão, de elevadas provas de renúncia, desinteresse, devoção a um ideal. Enquanto a vantagem pessoal, no indivíduo isolado, é quase que o único móvel de ação, nas

* *Instinkte*, no original. Tendo adotado “instinto” para verter *Trieb*, indicamos as ocasiões em que Freud utiliza *Instinkt* ou em que preferimos “impulso”.

massas ela raramente predomina. Pode-se falar de uma moralização do indivíduo pela massa (p. 39). Enquanto a capacidade intelectual da massa está bem abaixo daquela do indivíduo, sua conduta ética tanto pode ultrapassar esse nível como descer bem abaixo dele.

Alguns outros traços, na caracterização de Le Bon, lançam uma clara luz sobre a validade de identificar a alma da massa com a dos povos primitivos. Nas massas as ideias opostas podem coexistir e suportar umas às outras, sem que resulte um conflito de sua contradição lógica. O mesmo sucede, porém, na vida anímica inconsciente dos indivíduos, das crianças e dos neuróticos, como há muito demonstrou a psicanálise.⁸

8 No bebê, por exemplo, durante muito tempo coexistem atitudes emocionais ambivalentes para com as pessoas que lhe são mais próximas, sem que uma delas perturbe a expressão da que lhe é oposta. Havendo afinal um conflito entre ambas, frequentemente ele é resolvido com a troca do objeto pela criança, que desloca um dos impulsos ambivalentes para um objeto substituto. Também a história do desenvolvimento de uma neurose no adulto pode ensinar que um impulso reprimido persiste com frequência, por bastante tempo, em fantasias inconscientes ou mesmo conscientes, cujo conteúdo naturalmente vai bem de encontro a uma tendência dominante, sem que desta oposição resulte uma intervenção do Eu contra aquilo por ele rejeitado. A fantasia é tolerada por um bom período, até que subitamente, em geral devido a um acréscimo do seu investimento afetivo, produz-se o conflito entre ela e o Eu, com todas as suas consequências.

Na progressiva evolução da criança para adulto, chega-se a uma *integração* cada vez mais ampla de sua personalidade, a uma síntese dos vários impulsos instintuais e tendências-com-metas [*Zielstreben*] que nela cresceram independentes uns dos outros. Há muito conhecemos o processo análogo no âmbito da vida sexual, enquanto síntese de todos os instintos sexuais numa organização genital defini-